

PAINEL 4

O CARÁTER PEDAGÓGICO E A PERENIDADE DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE ERICO VERISSIMO

Vera Teixeira de Aguiar
(PUCRS)

Erico Verissimo, diferentemente de muitos autores de seu tempo, não volta a atenção para o público jovem apenas depois de uma carreira literária sedimentada e madura. Ao contrário, os livros dedicados à infância e à juventude são produzidos na década de 30, quando o Autor inaugura suas atividades. Nesse período, são escritas onze obras: em 1935, *A vida de Joana d'Arc*; em 1936, *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres*; *Rosa Maria no castelo encantado* e *Meu ABC*; em 1937, *As aventuras de Tibicuera*; em 1938, *O urso com música na barriga* e, em 1939, *A vida do elefante Basílio*, *Outra vez os três porquinhos*, *Aventuras no mundo da higiene* e *Viajem à aurora do mundo*.

Embora não retorne à literatura infanto-juvenil nas décadas seguintes, Erico acompanha de perto as constantes reedições de suas obras,¹ assim depondo na apresentação da edição de 1965 de *Gente e bichos*:²

Escrevi estes contos no tempo em que os desenhos animados e coloridos de Walt Disney atingiam o seu apogeu e creio que não errarei em afirmar que minhas histórias seguem o espírito «surrealista» dos «cartoons» daquele admirável criador de fantasias. Destinei minhas narrativas a crianças entre quatro e dez anos. Quero dizer, escrevi-as de tal modo que, se uma pessoa ler esses contos para crianças ainda não alfabetizadas, estas poderão compreendê-los.

A avaliação posterior que Erico Verissimo faz de seu trabalho revela um autor consciente do complexo literário, capaz de analisar todos os ingredientes que interferem no processo da produção e da recepção da literatura: intenções do escri-

tor, características dos contos, influências de outras manifestações culturais de seu tempo, perfil do público, necessidade de adequação das obras às condições do público, a fim de que a recepção se efetive.

A literatura infanto-juvenil de Erico Verissimo, portanto, nasce de um projeto bem definido, não se constituindo apenas de produção episódica e ocasional. Está, nesse sentido, em consonância com a crescente efervescência da época, quando há expressivo aumento do «número de obras e o volume das edições, bem como o interesse das editoras, algumas delas, como a Melhoramentos e a Editora do Brasil dedicadas quase que exclusivamente ao mercado constituído pela infância».³ É, pois, nesse momento, que se fixa o gênero no Brasil, com Monteiro Lobato, seguido de autores como Viriato Correia, Luís Jardim, Graciliano Ramos e tantos outros. Alguns, escrevendo esporadicamente para a infância, mesmo assim, ao buscarem atingir um novo público leitor, ajudam a consolidar o gênero.

No esforço de garantir a maioria da literatura infanto-juvenil em âmbito regional, Erico Verissimo está para o Rio Grande do Sul assim como Monteiro Lobato está para o Brasil. Até a chegada de Erico, o Estado conta com uma produção literária para o público jovem formada, sobretudo, por adaptações de clássicos, traduções e algumas obras esparsas. Acrescenta-se o fato de que os textos, publicados principalmente no Rio de Janeiro, destinam-se muito mais aos leitores cariocas do que aos gaúchos. Com Erico, publicando toda a sua obra pela Editora Globo, instaura-se definitivamente o gênero no sul.

Não fugindo as suas características históricas,⁴ a literatura infanto-juvenil surge, entre nós, comprometida com a educação da infância e da juventude. Vejam-se as palavras de Erico Verissimo no bilhete que introduz **Aventuras no mundo da higiene**:

O aluno só se entrega de corpo e alma àquele que lhe contar a melhor história de fadas ou aventuras. A estrada mais curta e certa para a inteligência tem passagem obrigatória pelo coração.

Há um destinatário certo para a literatura — o aluno. O Autor não se refere à criança, ao jovem, ao leitor, mas circunscreve seu receptor no espaço escolar. Daí a preocupação em transmitir conhecimentos, aliando-se à instituição formal de ensino, comprometida com a formação intelectual das novas gerações. A sensibilidade do leitor, através do apelo às emoções que as histórias podem provocar, funciona, por conseguinte, como um meio para a consecução de um alvo extra-literário — a educação.

O conhecimento que os contos infantis e as novelas juvenis veiculam desdobra-se em naturezas diversas. Ele pode ser científico, moralizante ou, simplesmente, fantástico. Nos dois primeiros casos, verifica-se a proposição de mudança de comportamento do leitor, quer pela aquisição do saber, quer pela assimilação dos valores adultos, mesmo que a aceitação das normas impostas aconteça por conveniência (como em **As aventuras do avião vermelho**). Subjaz, portanto, nas mensagens dedicadas à infância e à juventude, uma intenção educativa, que credita à aprendizagem a capacidade de promover o crescimento intelectual e moral do sujeito, de modo a torná-lo um adulto adaptado à sociedade em que vive.

A transmissão do conhecimento, científico ou moralizante, processa-se através da leitura de histórias, que o apresentam de formas várias. Ele pode estar contido na representação de mundo que os textos ficcionais encerram, remetendo à determinada organização social, a comportamentos exemplares, a relações entre personagens, a intercâmbios com o espaço exterior. Pode, ainda, estar expresso claramente na voz do narrador onisciente, que retarda a ação para dar informações (como em **A vida do elefante Basílio** e **O urso com música na barriga**) ou mescla realidade e ficção (como em **A vida de Joana d'Arc**). Quando protagonista, em **As aventuras de Tibicuera**, o narrador relata fatos vividos, imbricando História e fantasia. Também o diálogo entre as personagens funciona como transmissor de conhecimento, quando, por exemplo, Fernandinho, em **As aventuras do avião vermelho**, pergunta e o pai responde para que serve uma lente. Finalmente, a história pode converter-se, ela mesma, em situação ficcional de sala de aula, em que um professor transmite o conhecimento a seus alunos. Em **Aventuras no mundo da higiene**, as lições são dadas a partir de um estímulo, de uma necessidade, de uma oportunidade que se apresenta. O professor é o adulto exemplar, detentor do saber, enquanto as crianças são alunos interessados que atendem às expectativas dos mais velhos.

Ao abordar a questão da educação através da literatura, o Autor demonstra estar a par das novas conquistas da pedagogia. Suas personagens desenvolvem técnicas de ensino fundadas nas experiências do educando, de caráter pragmático, capazes em redundar em melhor qualidade de vida àqueles que aprendem, pois encorajam-se atitudes de formulação de conclusões e aplicação de conhecimentos em novas situações.

Os princípios da «escola nova»⁵ estão presentes na idéia de educação para todos, uma vez que a narrativa aproxima crianças de classes sociais diversas no ato comum de estu-

dar. O conhecimento é entendido, pois, como direito universal, ao qual o homem deve ter acesso, indiferentemente de cor ou casta social. O resultado último é o crescimento das personagens, que introjetam hábitos e normas, ao mesmo tempo em que se desenvolvem intelectualmente, atingindo capacidade de abstração. As reações de Zé Pedro, em **Aventuras no mundo da higiene**, em dois momentos distintos da aprendizagem, demonstram o avanço de seu raciocínio simbólico. Observem-se os fragmentos abaixo:

Professor — O Homem Invisível era um inimigo terrível porque a gente nunca sabia onde ele estava. Assim também são os micróbios.

Zé Pedro — Como é que vamos combater soldados que ninguém vê? Dando tiros neles pelo canudo do microscópio?
?

Zé Pedro — O senhor diz que devemos azeltar as nossas molas e botar gasolina no nosso tanque?⁸

No início, a personagem percebe apenas o sentido primeiro das palavras, sem conseguir estabelecer relações metafóricas. Mais adiante, além de ser capaz de tirar conclusões, cria suas próprias metáforas, utilizando-se de linguagem simbólica. Seu amadurecimento lingüístico revela exercício de pensamento mais elaborado, conseqüência, seguramente, das lições vividas e aprendidas.

Em **Viagem à aurora do mundo**, a situação de sala de aula repete-se, embora sem a formalidade de **Aventuras no mundo da higiene**. Mas, do mesmo modo, as personagens empreendem uma investida ao mundo do conhecimento, tutelados pelo cientista que, sugestivamente, desempenha o papel de professor. Através de sessões que simulam a vivência escolar, os assistentes descobrem o surgimento da vida e a evolução das espécies até o aparecimento do homem na terra. Para tanto, valem-se de moderna invenção, um aparelho capaz de refletir na tela imagens animadas das eras longínquas. A aprendizagem acontece, portanto, de forma experimental, uma vez que há a possibilidade de volta no tempo e percepção do mundo em ação.

A reação dos participantes, descritas pelo narrador-testemunha, em primeira pessoa, varia de acordo com o interesse de cada um, desdobrando-se em curiosidade, espanto, ceticismo, incredulidade, entusiasmo e enfado. O Autor conquista seu leitor para as mais de trezentas páginas do livro, transferindo

para as personagens os possíveis sentimentos daquele. Consciente da possibilidade de entediá-lo seu destinatário, Erico atribui aos entes ficcionais atitudes de desagrado que, uma vez absorvidas pela história, ficam afastadas do leitor. O texto passa a funcionar, assim, como elemento catártico.

Os exemplos abaixo demonstram esse procedimento:

E se conversássemos agora sobre o aparecimento da vida na terra?

«Ninguém lhe respondeu. Mas expressões de dúvida, indiferença e indecisão se estamparam em todos os semblantes. Era que fazia calor e a hora preguiçosa convidava à sesta⁹

Tenho um castigo para o fantasma — avançou Aristobolus. — Façam o pobre diabo assistir a um espetáculo no santuário com dissertação do professor Calamar e música do maestro Colibri. É pior que cadeia elétrica.¹⁰

O desfecho da história procede à destruição do invento que promove o conhecimento. Desse modo, a experiência vivida converte-se em mistério. Para decifrá-lo, cumpre recriar essa experiência através da literatura. A obra é, portanto, circular, na medida em que narra sua própria gênese e define sua função de perpetuar uma vivência humana, da qual todas as provas foram eliminadas, garantindo a continuidade do conhecimento.

Não há dúvida de que há um projeto educativo na literatura infanto-juvenil de Erico Verissimo. No entanto, só ele não sustentaria sua obra. Não é por acaso que uma de suas personagens diz que «saber é bom. Mas viver é melhor»,¹¹ pois é justamente a capacidade de criar um universo ficcional em que predominam a aventura e a ação que garante sua continuidade. Tibicuera chega a dizer a seus leitores:

Procurem ler um bom compêndio de literatura. Porque eu vou voltar agora às minhas aventuras.¹²

Erico alia-se ao leitor no gosto pela aventura. Sua literatura é, conseqüentemente, uma sucessão de ações, como é possível detectar já nos títulos de seus livros: as palavras aventura, vida e viagem são constantes, remetendo à idéia de um mundo em movimento, da vida em moto-contínuo. A motivação para a ação surge de um estado de carência inicial, como o

descrédito, a monotonia, a necessidade existencial, social ou sobrenatural. O passo seguinte é a busca da aventura como afirmação pessoal. Mesmo em **Meu ABC**, texto que prescinde de trama narrativa, apresentam-se seres em ação: avião, bola, cavalo, dragão.

Na maioria das histórias, é um livro o desencadeador da narrativa, incentivando as personagens à ação, por apontar para atitudes exemplares, em que a aventura é o caminho da descoberta do mundo. Tibicuera não é movido pelo modelo de uma leitura, mas toda a sua trajetória orienta-se no sentido de apropriar-se dos livros:

E a todas essas acontecia algo assombroso: eu me mantinha recolhido no meu canto, apegado aos meus livros.¹³

O espaço da aventura é o desconhecido: a floresta, a França, lugares além das fronteiras da casa, do chiqueiro, da cidade. A apropriação do mundo é gradativa, em processo de constante adaptação, para o qual contribuem elementos mágicos, como personagens folclóricas e históricas, vozes, personagens de Disney, humanização de conceitos.

A ação desenvolve-se à medida em que as personagens vencem o espaço e crescem porque acumulam experiência. Viver é, em última análise, apropriar-se dos sentidos do mundo, dando uma razão para sua própria vida. O conceito de necessidade da ação está bem definido na trajetória de Joana d'Arc: impulsionada pelas vozes divinas, a guerreira luta até a sagração de Carlos VII, e, quando os elementos sobrenaturais a abandonam, ela opta por continuar a batalha. Sua escolha é humana e, mesmo perdendo um a um todos os símbolos bélicos (armadura, capacete, elmo, espada), mantém-se em ação. A continuidade de sua tarefa demonstra que ela é movida não pelos deuses, mas pela própria natureza humana.

Resolvidos os conflitos, recupera-se a ordem. Às vezes, a volta ao equilíbrio é determinada por uma fuga ou um tombo, indicando o predomínio da voz adulta sobre o interesse do leitor. No entanto, os textos fecham-se propondo novas aventuras, defendendo a idéia de que a fantasia é essencial, mas não se deve é permanecer nela.¹⁴ É preciso voltar ao real e assumir a vida como ela é. Pode-se, contudo, repetir a experiência, pois a fantasia é o alimento da imaginação e da emoção. Não é à toa que o coração de Joana permanece vivo, não se deixando destruir pelo fogo.

Se o professor Salus «é tão habilidoso, tão engraçado e tão bom camarada que é capaz de transformar a mais cacete

das matérias num conto de fadas, numa novela de aventuras»,¹⁵ então, Erico Verissimo é o grande mestre da literatura infanto-juvenil, que consegue ensinar privilegiando a ficção e, com isso, garantindo o estatuto literário do gênero. Daí sua perenidade e atualidade, expressa nas reedições constantes, que revelam a recepção positiva de seus textos entre as crianças e jovens.

NOTAS

- 1 Apenas **Meu ABC**, escrito sob o pseudônimo de Nanquinote, e **Aventuras no mundo da higiene** não foram reeditadas.
- 2 **Gente e Bichos** reúne os contos infantis **As aventuras do avião vermelho**, **Os três porquinhos pobres**, **Rosa Maria no castelo encantado**, **O urso com música na barriga** e **Outra vez os três porquinhos**.
- 3 Consulte-se LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo, Ática, 1985. p. 46.
- 4 Sobre as origens e os condicionamentos históricos da literatura infantil e seus vínculos com a educação, leia-se: ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**, São Paulo, Global, 1981.
- 5 Esses conceitos estão desenvolvidos em FILIPOUSKI, Ana Mariza R. & ZILBERMAN, Regina. **Erico Verissimo e a literatura infantil**. 2. ed. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1982.
- 6 Sobre a «escola nova» consulte-se ROMANELLI, Otávia de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1985. p. 142-52.
- 7 VERISSIMO, Erico. **Aventuras no mundo da higiene**. Porto Alegre, Globo, 1935. p. 45.
- 8 Id. ib., p. 51.
- 9 VERISSIMO, Erico. **Viagem à aurora do mundo**. 10. ed. Porto Alegre, Globo, 1980, p. 102.
- 10 Id. ib., p. 261.
- 11 Id. ib., p. 285.
- 12 VERISSIMO, Erico. **As aventuras de Tibicuera**. 19. ed. Porto Alegre, Globo, 1979, p. 146.
- 13 Id. ib., p. 148.
- 14 Sobre a função da fantasia nas histórias infantis, leia-se BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- 15 VERISSIMO, Erico. **Aventuras no mundo da higiene**. Porto Alegre, Globo, 1939. p. 15-6.